

## CONSELHO EUROPEU

### **A Política Externa Europeia no século XXI: Como lidar com desafios e oportunidades da ascensão da China?**

Allyne M. Meireles<sup>1</sup>  
Luis Felipe Correia Rodrigues<sup>2</sup>

Enquanto organização de integração regional, a União Europeia possui um passado de várias experiências que a formaram em seu atual ordenamento. A ordem internacional do pós segunda-guerra permitiu a criação da Organização Europeia de Cooperação Econômica (OECE) em 1948 (um resultado do plano *Marshall* dos Estados Unidos da América para a reconstrução dos países europeus depois da Segunda Guerra Mundial). Com o objetivo principal de organizar a distribuição de fundos para restabelecer a ordem doméstica dos países que sofreram com a guerra, a OECE foi o primeiro passo de uma futura integração regional que tinha princípios e valores de união da Europa. A organização também criou algumas áreas de livre comércio e uniões aduaneiras que sustentavam o objetivo de reerguer, a partir da estruturação da economia, o equilíbrio dentro do continente.

Essa primeira iniciativa levou, na década seguinte, a criação das Comunidades Europeias, três organizações que precederam a criação da União Europeia. A primeira, a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA, de 1951) abriu dois novos caminhos no que tange à integração regional europeia, segundo Nugent (1999):

Primeiro, seus objetivos políticos eram extremamente ambiciosos, implicando em não somente a criação de área de livre comércio, mas também as fundações para um mercado comum de produtos básicos de quaisquer sociedades industrializadas: carvão, coque, minério de ferro, aço e metal reciclado. Isto, esperava-se, asseguraria oferta ininterrupta para todos os Estados membros, produziria uma expansão racional e modernização da produção, e melhoraria as condições e a qualidade de vida daqueles que trabalhavam nessas indústrias. Em segundo lugar, foi a primeira das instituições interestatais europeias a possuir características supranacionais significantes. Estas poderiam ser verificadas nas novas instituições centrais, que tinham o poder, entre outras coisas, de: determinar a abolição e proibição de barreiras tarifárias internas, criar subsídios e condições especiais, além de práticas restritivas; fixar preços sob certas condições; harmonizar uma política externa comercial, por exemplo ao fixar taxas mínimas e máximas sobre as importações de carvão e aço de países-terceiros; e impor taxas sobre a produção de carvão e aço para financiar as atividades da CECA. (NUGENT, 1999, p. 37, tradução nossa)

---

<sup>1</sup> Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Goiás. Coordenadora Acadêmica do Centro de Pesquisa e Simulação Olga Benário.

<sup>2</sup> Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Goiás. Coordenador Acadêmico do Centro de Pesquisa e Simulação Olga Benário.

As fundações da CECA, portanto, são de suma importância para análise da capacidade de prática e criação de política externa que a União Europeia possui, já que não haviam experiências institucionais anteriores que definiam políticas comerciais a partir de políticas caracterizadas por seus caracteres supranacionais. Os objetivos da instituição ultrapassavam o modelo tradicional de livre comércio, visando a criação de um mercado comum que integrasse a cadeia produtiva de mercadorias vitais para a indústria da época, por meio da capacidade de determinar políticas tarifárias internas e para terceiros.

A Guerra da Coreia de 1950-53 e o cenário do sistema internacional pautado pelo fantasma da Guerra Fria provocou entre estrategistas militares e lideranças políticas do ocidente uma necessidade de acirrar as cooperações em defesa na Europa criando uma Comunidade de Defesa Europeia (CDE) (NUGENT, 1999, p. 40), já que a Organização do Tratado do Atlântico Norte não continha como membro a Alemanha Ocidental. A CDE não foi criada, e as negociações foram retomadas somente em 1956, com as bases dos Tratados de Roma (1957), que criaram as duas outras Comunidades Europeias: a Comunidade Econômica Europeia (CEE) e a Comunidade Europeia de Energia Atômica. Com um caráter mais intergovernamental, as Comunidades Europeias tinham valores e princípios que moldaram a forma com que os países-membros agiam na arena internacional e regional, considerando benéfica a ação coletiva em detrimento daquela ordem que regia o sistema internacional.

Depois de diversas experiências de política integrada e dos alargamentos de entrada de países à Comunidade (em 1986 participavam Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Portugal e Reino Unido), os países assinaram o Tratado de Maastricht de 1992, que incorporou as Comunidades Europeias em uma só e criou de fato a União Europeia. Nugent (1999) descreve que o Tratado intensificou a integração europeia de duas maneiras:

Primeiro, criou a nova organização da União Europeia, baseada em três pilares: as Comunidades Europeias, uma Política Externa e de Segurança Comum (PESC), e a Cooperação nos Campos de Justiça e Assuntos Internos (JHA). Segundo, [...] promoveu aprofundamento político e institucional: o primeiro, mais notavelmente, estabelecendo um marco temporal para transformar-se em uma União Econômica e Monetária (UEM) com uma moeda única; e o segundo, estabelecendo provisão para votação em maioria qualificada de votos no Conselho e criando um novo procedimento legislativo - co-decisão - que, pela primeira vez, deu ao Parlamento Europeu o poder de veto sob algumas propostas legislativas. (NUGENT, 1999, p. 51, tradução nossa)

As decisões políticas foram cada vez mais se tornando complexas devido a acomodação de novas representações políticas dentro da União, que exerciam sua influência para alcançar

seus próprios interesses. Os pilares institucionais do processo de integração considerados no tratado de Maastricht tem dois pontos principais e mais importantes: o primeiro foi a determinação temporal do avanço da união para Econômica e Monetária, e o segundo é a criação de um processo legislativo que igualasse a importância do Conselho da União Europeia e do Parlamento Europeu no processo decisório de adoção de políticas para a União. A co-decisão (renomeada para procedimento legislativo ordinário com o Tratado de Lisboa de 1999) estabelece o seguinte sistema<sup>3</sup>:

1. A Comissão Europeia apresenta uma proposta ao Conselho e ao Parlamento Europeu;
2. O Conselho e o Parlamento adotam uma proposta legislativa em primeira ou em segunda leitura;
3. Se as duas instituições não chegarem a acordo após a segunda leitura, é convocado o Comitê de Conciliação;
4. Se o texto acordado pelo Comitê de Conciliação puder ser aceito por ambas as instituições em terceira leitura, o ato legislativo é adotado. Se não, o processo termina.

A participação conjunta dos Ministros dos países membros do processo de integração e dos representantes eleitos ao Parlamento indica uma tentativa de maior democratização e representação do processo decisório da UE. Seu processo de votação ocorre somente se 15 (quórum de maioria simples dos 28 ministros membros do Conselho) estiverem presentes na reunião, e enquanto exerce a qualidade de legislador se dá em três maneiras: maioria simples, para questões procedimentais; maioria qualificada, para votação de legislação no procedimento legislativo ordinário, que acontece quando 55% dos países membros do Conselho (na prática, 16 dos 28) contenham ao menos 65% da população total da UE votem a favor, sendo possível que 4 países que contenham 35% da população da UE bloqueiem a proposta sendo votada; e unanimidade, em que todos os países devem votar a favor (e se um país membro abster-se e os outros votarem a favor, a unanimidade continua postulada), para assuntos de cidadania, taxação e qualidade de associação à União.

---

<sup>3</sup> Informações retiradas da página do Conselho da União Europeia. CONSILIUM - Conselho da União Europeia. **O Processo legislativo ordinário - Consilium.** União Europeia, 2018. Disponível em: <<https://www.consilium.europa.eu/pt/council-eu/decision-making/ordinary-legislative-procedure/>> Acesso em: 23/11/2018.

Discutiremos a seguir como o caso da China é distinto de outros estudos em tese semelhantes no equacionamento dos motivos e consequências de uma transformação social, econômica e política tão profunda. Nesse sentido, um sistema político dual – pois guarda bases históricas, especialmente no que concerne à sua organização – pôde, de certa forma, conviver com as reformas econômicas que colocam a China no rol de economias emergentes (FERNANDES e LEITE, 2015). A China vinha se impondo, com efeito, como uma das nações mais promissoras dos últimos séculos.

Na década de 1990, sob o então líder chinês Deng Xiaoping, Pequim implementou uma política externa que se sustentou em slogans como "esconder nossas capacidades e aguardar nosso momento", o que significava "manter um perfil baixo" para se concentrar no desenvolvimento do país. Atualmente, o governo chinês entende que, ao se associar à União Europeia (UE), pode aumentar sua legitimidade aos olhos de acionistas globais e garantir sua influência em qualquer reorganização dos papéis de liderança internacional. (SANDERS, 2018).

### **A formação histórica da China: Olhares estratégicos**

Ao fim dos anos 70, foram as reformas econômicas lideradas por Deng Xiaoping que deram os primeiros passos em direção à China moderna (COMO, 2013). Logo em 1978, a China iniciou seu processo de reformas econômicas assentadas em um processo de descentralização das decisões econômicas. Deng Xiaoping objetivava legitimar o PCCh (Partido Comunista Chinês), que se encontrava abalado após as tentativas de reformas feitas durante o período compreendido entre a condução de Mao Tsé-tung até a transição para a transformação de Xiaoping (FERNANDES e LEITE, 2015 apud LEITE e MARQUES, 2007). Reformas de mercado, encorajamento de empresas privadas e certa autonomia às estatais, guiaram as políticas adotadas por ele. O resultado disso, que se segue até hoje, foi um grande aumento do crescimento em direção às áreas mais urbanizadas e, conseqüentemente, aumento do acesso aos bens e serviços.

Antes disso, as cidades chinesas como Xangai e Pequim tinham aproximadamente metade da população atual. Os “hutongs”, ruas estreitas tradicionais, preenchiam a paisagem das cidades, que remetiam aos tempos de imperadores e ocupações estrangeiras. A riqueza das famílias era medida pela posse de objetos simples como relógios e rádios que, geralmente, eram oferecidos como presentes de casamento. Farinha e grãos eram racionados pelo

Governo, assim como carnes e tecidos. A dieta dos chineses era limitada aos alimentos produzidos localmente, que tinham de ser armazenados por longos períodos durante o inverno. As áreas mais distantes e frias do nordeste da China ficavam frequentemente, e por muito tempo, sem qualquer acesso a frutas frescas. O comércio exterior era controlado pelo Governo e a sociedade era praticamente privada de produtos estrangeiros. Era desse estado, com pouca importância relativa na economia internacional, de que a China emergiria para o patamar altamente competitivo em que se encontra – uma transformação surpreendente no espaço de apenas três décadas (COMO, 2013).

Na China atual, rapidamente, roupas diversificadas substituíram as vestimentas tradicionais, o avanço na infraestrutura das cidades aumentou o acesso aos mais diversos serviços e as cidades se encheram de luzes e arranha-céus. Atualmente, as etiquetas “Made in China” são encontradas pelo mundo todo. O país em que em um passado era estranho, em determinado momento, foi se infiltrando, aos poucos, no cotidiano da população mundial. (COMO, 2013). Ao tornar-se influente nos fluxos comerciais internacionais, a China tornou-se uma grande referência no comércio internacional. Seu protagonismo esteve latente desde 1960 e durante grande parte do século XX. Atualmente, com um crescente nível tecnológico e de alcance das exportações, os chineses forneceram 14% das exportações mundiais em 2015, isto é, mais que os britânicos, francêss, italiano e japonês juntos (MAGALHÃES, 2018).

No entanto, para Jacques (2012), deve-se adotar certa cautela ao supor que, ao mesmo tempo que se modernizam, os países do oriente também se “ocidentalizam”. Para ele, a questão é como entendemos a China. A abordagem convencional é tentar entendê-la em termos ocidentais quando, na verdade, a China se difere fundamentalmente de todo o resto do mundo. Jacques defende a China como uma civilização-estado, a qual foi moldada através de costumes, cultos, valores confucionistas, dinastias e formas de organização muito próprias. Isto é, a China, em sua singularidade, é moldada pelo seu senso de civilização, sua existência como estado-civilização, e não como um estado-nação. Mesmo atualmente, grande parte dos cidadãos chineses se identificam como provenientes da “raça” Han, em um raciocínio unificador.

E há mais o que acrescentar: o valor político mais importante para os chineses é a unidade, a manutenção da civilização chinesa. *Exempli gratia*, há 2.000 anos atrás, a Europa passou pela fragmentação do Sacro Império Romano. A China, no mesmo período de tempo,

foi exatamente na direção oposta, segurando dolorosamente essa enorme civilização, estado-civilização, em conjunto. A maneira pela qual o poder foi construído na China é muito diferente da nossa experiência na história ocidental. O resultado é que os chineses têm uma visão muito diferente do Estado. O Estado está em toda parte na China. Empresas privadas, por maiores que sejam, dependem de muitas maneiras do patrocínio do Estado.

Para entender a China, deve-se levar em consideração três parâmetros fundamentais – o Estado-civilização, a noção de raça e a natureza do Estado com a sua relação com a sociedade. A entrega de Hong Kong pela Grã-Bretanha à China em 1997 elucida bem esse pensamento. Na época, a proposta constitucional chinesa era de “um país, dois sistemas”. No ocidente, levantavam a questão como muito controversa. Atualmente, o sistema político e legal em Hong Kong é tão diferente agora quanto era em 1997. Existiram muitas suposições falhas porque, naturalmente, enxergamos a China nos “moldes ocidentais” (JACQUES, 2010).

Assim, o pensamento predominante na cultura estratégica chinesa também revela-se em concordância à uma formação na qual a cultura influencia a ação e a ação influencia a cultura. Sua operacionalização enfatiza também características do pensamento, teoria e planejamento que, com o tempo, transformam-se numa “cultura estratégica” (CARRIÇO, 2015).

De maneira mais clara, Carriço exemplifica (2015, p. 117):

A narrativa associada à [...] cultura estratégica [chinesa] enfatiza uma China ‘pacífica mas não pacifista’, a qual lhe permite esculpir um ambicioso programa de diplomacia militar que não raras vezes se socorre da instrumentalização de figuras da sua história milenar como sinal demonstrativo das suas intenções de paz e harmonia internacional. Conceitos como os de ‘oceano harmonioso’ contribuem positivamente (pelo menos assim crê) para o estabelecimento de um [mundo harmonioso].

Para este raciocínio, vale frisar que, de acordo com recentes acusações dos EUA, a China mantém intenções de minar a liberdade de navegação no Mar do Sul da China (MAGALHÃES, 2015). Somando mais de 29 hectares, as instalações militares construídas na área do Mar do Sul da China, uma região em disputa internacional, ilustram o crescimento estratégico-militar chinês. Para Marcus (2018), a ideia é que, na eventualidade de um conflito armado, o poder militar dos Estados Unidos seja empurrado para o mais longe possível das fronteiras chinesas. Preferencialmente, para o meio do Oceano Pacífico. Em resposta, o Ministério das Relações Exteriores da China argumenta um “exagero”, considerando natural que o país amplie suas estruturas de defesa.

## **Florescimento chinês: os desafios estruturais para o desenvolvimento da China**

É aceito pela sociedade acadêmica e pelos analistas internacionais que a China obteve seu crescimento, entre outros fatores por intermédio da utilização extensiva de fatores subutilizados. Ademais, a associação desses fatores à incorporação de tecnologia a parcela da produção agrícola, à existência de alto índice de poupança interna, à disponibilidade de mão-de-obra a custo reduzido e à inserção de altos volumes de investimentos públicos e/ou privados resultaram no seu crescimento. Então, quando se incorpora o cenário externo favorável ao comércio, tem-se a potência econômica da China contemporânea (FERNANDES e LEITE, 2015).

Numa reunião do Conselho dos Assuntos Mundiais Albright College, o Presidente do Conselho Nacional de Inteligência dos Estados Unidos, John C. Gannon, alertou que a medida que procura-se tendências sólidas sobre a China, os resultados estão fadados a serem contraditórios. Para ele, a reforma econômica fomentou o rápido crescimento econômico, por exemplo, mas os líderes chineses continuam sendo lentos na promoção de reformas políticas e melhoria dos direitos humanos para seus cidadãos. Depois de tantos anos de fracasso e frustração, má administração e opressão quase colonial, revolução e guerra, extremismo ideológico e tentativas de reforma e abertura para o exterior, a China está à beira de ser uma grande potência. Mas, terá a China sucesso como nação? Para John C. Gannon, essa pergunta não tem uma resposta clara. O desenvolvimento da China não deverá ser linear, mas as tendências mais amplas e de longo prazo serão decididamente positivas para a China. E o desenvolvimento se beneficiará da lendária energia e engenhosidade do povo chinês.<sup>4</sup>

Seguindo uma trajetória diferenciada, a China tornou-se um país cuja estrutura caracteriza-se por uma evolução tecnológica, um compromissado propósito com o desenvolvimento nacional, um regime partidário incomum para o ocidente e atualmente, a despeito das declarações oficiais não confirmarem este interesse e muito menos este objetivo, o motor da economia mundial. Da mesma forma, este país-continente, potência regional e potência mundial emergente, consegue aglutinar características como a má distribuição de renda e descuido com o meio ambiente. (FERNANDES e LEITE, 2015).

---

<sup>4</sup> Texto escrito com base nos dados do site institucional da CIA – Central Intelligence Agency: <https://www.cia.gov>

Atualmente, um terço da riqueza da China está nas mãos de 1% da população, enquanto os 25% na base da pirâmide tem apenas 1% da riqueza. (CALEIRO, 2016). A China tem 2,7 milhões de milionários (pessoas com patrimônio disponível superior a 1 milhão de dólares), e 251 bilionários, segundo o site Hurun Report. Mas 13 por cento dos seus 1,3 bilhão de habitantes vivem com menos de 1,25 dólar por dia, segundo a ONU. A renda média disponível nas áreas urbanas é de cerca de 3.500 dólares por ano. Embora oficialmente comunista, a China registra nos últimos 20 anos uma crescente disparidade entre suas cidades prósperas e o interior pobre. A adoção das transações imobiliárias nesse país também fez com que os pobres urbanos fossem excluídos de um mercado que enriqueceu muita gente. (DESIGUALDADES, 2013)

Hoje, os analistas que tentam compreender comparativamente o fenômeno chinês, têm de avaliar os objetivos e necessidades chinesas, refletindo também a chamada “política verde” chinesa, que não é tão simples como alguns observadores apresentam, pois a China não quer apenas ser um país de “tecnologia limpa”, mas também ser o maior no setor e uma das grandes referências tecnológicas nesta área. O país já anunciou a redução do seu crescimento anual, para abaixo dos 8% ao ano, isso em virtude de sua política de preservação do meio ambiente e para reformular o “bem-estar” da população (BOMJARDIM, 2012).

### **A economia *versus* o meio ambiente**

O tamanho do país e da população somados à velocidade do desenvolvimento tornam os problemas ambientais da China relevantes para o resto do mundo. Não apenas pelo impacto de suas demandas sobre os preços mundiais, mas também na poluição transfronteiriça sob a forma das tempestades de chuva ácida e de poeira, e nas contribuições para a mudança do clima.

Nesse sentido, a ação governamental na China enfrenta, constantemente, o dilema entre priorizar o crescimento econômico ou a proteção do meio ambiente desde a introdução das reformas de Deng Xiaoping (conhecidas como as Quatro Modernizações) e abertura para o mercado internacional, em 1978. No entanto, as leis para proteger o ambiente na China são consideradas as mais desenvolvidas dentre todas as nações emergentes, ao menos no papel. Existe um ministério responsável apenas pela promoção e reforço das leis ambientais, a chamada Agência de Proteção Ambiental do Estado. O crescente nível de consciência ambiental dos cidadãos chineses é manifestado na organização de organizações não

governamentais (ONGs) ambientais e de grupos voluntários. Muito se discute sobre a verdadeira eficácia dessas ONGs. Apesar disso, elas estão habilitadas a participar em consultas políticas, como prescrito na Lei Ambiental de Planejamento Estratégico.

A fim de lidar com uma crescente escala de problemas ambientais globais, o governo chinês torna-se mais engajado no tratamento de inúmeros problemas ambientais. Nos anos 1990, o Conselho Estatal divulgou a declaração sobre "Problemas e posições relativas às questões ambientais globais", cujos princípios guiaram a posição da China nas negociações internacionais do clima. Elas enfatizam a responsabilidade de países desenvolvidos pela deterioração do meio ambiente; a harmonia entre a proteção ambiental e o desenvolvimento econômico; o reconhecimento do direito dos países em desenvolvimento em desenvolverem-se; a equidade soberana de todos os países; e a necessidade de se criar fundos para países em desenvolvimento (FERREIRA E BARBI, 2012).

Nesta posição, a China vem participando ativamente, em posição de grande país encarregado, de acordos e reuniões internacionais como o Protocolo de Kyoto de 1997 estendido até 2020 e o Acordo de País aprovado em 2015. Com relação à este último, diante da recente decisão do chefe de Estado americano de retirar-se do acordo, o governo chinês tentou se apresentar como um pilar do acordo climático assinado em 2015 depois de longas negociações. "É uma responsabilidade que a China assume como grande país encarregado", afirmou à imprensa o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores. "Não nos demos conta de que nossos atos e nosso papel dirigente foram aplaudidos pela comunidade internacional", ele terminou (RETIRADA, 2017).

No dia 2 de junho, antes mesmo do posicionamento oficial do grupo BRICS, a China e a União Europeia, em um comunicado, afirmaram sua intenção de permanecer no Acordo. Na manifestação, afirmaram que "o multilateralismo é capaz de oferecer soluções justas e eficazes para os problemas globais mais graves de nosso tempo" (CHINA e UE, 2018). Em janeiro deste ano, o ministro chinês do Meio Ambiente, Li Ganjie, assinou um acordo de cooperação estratégica com o diretor-executivo da ONU Meio Ambiente, Erik Solheim, com o objetivo de apoiar a agência das Nações Unidas em seu suporte a países em desenvolvimento no enfrentamento de desafios ambientais. O acordo visa a apoiar esses países no desenvolvimento sustentável de suas economias e para aumentar o conhecimento sobre desafios ambientais. O pacto foca na Cooperação Sul-Sul entre países asiáticos e africanos (CHINA e ONU, 2018).

Dados do governo chinês mostram que entre 2005 e 2015 a economia da China cresceu 1,48 vezes, mas sua intensidade de carbono caiu 38,6%. O país, maior emissor de dióxido de carbono do mundo, tem se empenhado para enfrentar essa questão. O Ministro da Administração Estatal de Proteção Ambiental, Xie Zhenhua, afirma que até o final de 2017 a China conseguiu cortar as emissões de dióxido de carbono em 46% por unidade de crescimento econômico em relação aos níveis de 2005 (GONZALEZ, 2018).

Com relação ao âmbito internacional, a China pode ser considerada um país-chave na política climática. O país é um participante ativo desde a elaboração da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (CQNUMC), em 1992, passando pelas negociações para o estabelecimento do Protocolo de Kyoto (PK), definido em 1997, e conquista cada vez mais importância nas rodadas da ordem ambiental internacional sobre as mudanças climáticas (RIBEIRO, 2005 apud MOREIRA e RIBEIRO, 2016). A postura chinesa nas negociações internacionais sobre mudanças climáticas, apesar de fundamental para o encaminhamento das decisões globais sobre o tema, observa-se, é definida em termos do interesse desenvolvimentista do Estado chinês.

Cabe frisar que a política interna chinesa baseia-se no desenvolvimento do país por meio da diminuição da pobreza, que ainda é expressiva. No contexto mundial contemporâneo, o país tornou-se fornecedor de produtos industrializados a grande parte dos países, o que levou a um crescimento muito significativo da sua economia, responsável por um intenso uso de carvão. As emissões chinesas cresceram para abastecer o mundo de produtos industrializados, mas também permitiram melhorias de qualidade de vida para parte de sua população. Por isso a posição chinesa na ordem ambiental internacional das mudanças climáticas é de cautela (MOREIRA e RIBEIRO, 2016). Há muito tempo, o governo chinês que demonstra prudência com relação às questões ambientais parece entender seu papel central neste dilema mundial.

Para Moreira e Ribeiro (2016), na arena internacional, a China que participa das negociações sobre as mudanças climáticas é a mesma que busca fortalecer a cooperação com outros países para financiamento, transferência de tecnologia e construção de capacidade para a adaptação. Entretanto, ao assumir tais compromissos, a China pode colocar em risco o seu crescimento econômico sustentável, conforme afirma em termos domésticos. Essa decisão deve ser essencial para determinar o papel futuro da China como uma potência global em ascensão.

## Cooperação entre União Europeia e China: O Conselho Europeu

"A China e a União Europeia são potências globais: temos a responsabilidade conjunta de trabalhar juntos para uma ordem mundial mais cooperativa e regulamentada". Essa foi a declaração da chefe da diplomacia da UE, Federica Mogherini, ao concluir uma visita oficial a Pequim no ano passado, vide Figura I. (SANDERS, 2018).

**Figura I - Chefe da diplomacia da UE, Federica Mogherini, em visita à China**



Fonte: <https://www.dw.com/pt-br/ascens%C3>

Após a consolidação da União Europeia como ator *sui generis* no sistema internacional (devido sua natureza e sua imprecendência institucional na história), os membros organizam-se politicamente em torno de órgãos que delimitam suas ações políticas, tanto externa quanto internamente. Para a Política Externa Conjunta, a União Europeia possui um órgão formulador principal, o Conselho Europeu (CE), e uma Ferramenta de Ação, o Serviço Europeu de Ação Externa (SEAE). O CE

define a direção política e prioridades gerais da União Europeia. Não é uma das instituições legislativas da UE, portanto não negocia ou adota leis da UE. Ao invés disso, ele cria a agenda política da UE, tradicionalmente ao adotar 'resoluções' durante suas reuniões que identificam assuntos de importância e ações a serem tomadas. (UNIÃO EUROPEIA, 2018, tradução nossa)

Possui como membros os chefes de governo ou Estado dos 28 países-membros, o Presidente do Conselho Europeu (eleito pelo próprio Conselho por um mandato de 2 anos e meio) e pelo presidente da Comissão Europeia. Quando assuntos de política externa também estão sendo discutidos em suas reuniões, o Representante da UE para Relações Exteriores e Segurança também é membro. Seu processo decisório é realizado a partir de consenso, porém em casos

específicos são realizados por unanimidade ou maioria qualificada e somente os representantes dos países-membros tem direito de voto.

O Conselho Europeu decide, portanto, as agendas, orientações e prioridades políticas que a UE deve possuir. Por meio de conclusões (os documentos gerados ao fim das reuniões), o Conselho decide agendas de longo prazo em áreas prioritárias e agendas semestrais. Seu papel de orientação alonga-se para o Conselho da União Europeia (e conseqüentemente para o Parlamento Europeu) definindo quais são os objetivos que devem concluir. O Conselho da União, por sua vez, negocia a legislação da união conjuntamente ao parlamento, estabelece as políticas dos estados membros (orçamentárias e econômicas), elabora a política externa e de segurança comum que deve ser seguida pelos países membros (aqui culmina o processo decisório do Conselho Europeu para a arena internacional), celebra acordos internacionais e adota a política orçamentária da União.

O SEAE funciona como corpo diplomático da UE, e atua como ponte de conexão entre os órgãos da União Europeia, os Ministros de Defesa e Relações Exteriores dos países-membros, a Organização das Nações Unidas e outras organizações internacionais como a Organização Mundial do Comércio. 139 delegações representam a UE ao redor do mundo.

O principal aspecto da UE enquanto ator e potência no sistema internacional constitui-se no tamanho de seu mercado: um Produto Interno Bruto na ordem de 16 trilhões de dólares (as exportações representam 44% do PIB) e uma população total de 511 milhões de habitantes (WORLD BANK, 2018) confere à união uma capacidade de ímã de investimentos e de globalizadora da economia mundial. Frente aos desafios que possui para continuar crescendo e relacionar-se com outras potências globalizadoras, a UE prepara relatórios de ação pertinentes à agendas e planos que possui para cooperação. Para a China, uma mudança de estratégia culminou na criação do “JOINT COMMUNICATION TO THE EUROPEAN PARLIAMENT AND THE COUNCIL - Elements for a new EU strategy on China”, do representante de Relações Exteriores e Defesa da união. No documento, é citada a importância da parceria estratégica da UE com a China, levando em conta que

A ascensão da China aconteceu com escala e velocidade sem precedentes. A China não só é diferente internamente do que era antes da liderança atual em 2013, mas o aumento do peso da China e uma ênfase renovada em "tornar-se global" significam que ela busca um papel maior e exerce maior influência sobre um sistema em evolução de governança global. (EUROPEAN COMMISSION, 2018, p. 2, tradução nossa)

Considerando que a UE é o principal destino das exportações chinesas, e de que a UE é a segunda maior exportadora de produtos à China (CHRISTIANSEN; MAHER, 2017), a Agenda de Cooperação que é indicada no documento representa como o principal tópico de aspecto estratégico e econômico da União Europeia com outro ator do sistema internacional.

O papel proeminente da China não é inteiramente devido ao seu enorme tamanho, população e economia. É também um produto de uma estratégia deliberada para expandir a presença chinesa no comércio global, nas finanças e nos fluxos e redes produtivos, bem como para participar e reformar a ordem econômica global. Assim, no final do século XX, a política de globalização de Pequim permitiu que a China se beneficiasse da globalização econômica e aumentasse sua economia. No século XXI, a China tornou-se um globalizador econômico e, portanto, um "arquiteto" da globalização econômica contemporânea. (MAGALHÃES, 2018, p. 15, tradução nossa)

O relatório explicita normativas para ação coletiva claras e objetivas. A União Europeia necessita de uma estratégia própria, que coloque seus interesses na linha de frente de ação ao país. Além de focar nos benefícios recíprocos (algo presente no *slogan* de governo chinês “*win-win cooperation*”), a União Europeia deve ter uma voz unificada, traduzida nas relações bilaterais dos seus países-membros com a China. Alinhar suas políticas às formuladas pela União é mais do que nunca necessário para uma atuação forte e guiada dentro da ordem internacional. A atenção aos direitos humanos e aos princípios e valores da democracia, estado de direito e da Carta da ONU é um fator permeador das futuras relações. O representante especifica que a UE continuará trabalhando ao lado da China para promovê-los. Além de afirmar a posição da política “*One China*” do governo chinês, o relatório declara que as políticas para Macau e Hong Kong devem continuar com conexões fortes, baseadas no princípio de “*One Country, Two Systems*”.

Pragmática e concisa, a estratégia para a China ainda consiste na colaboração da UE para a reforma do sistema social e produtivo chinês declarado por Xi Jinping para 2020. A transição estrutural para crescimento sustentável deve ser uma prioridade, buscando que em um futuro a UE consiga estabelecer mais profundos acordos econômicos baseados em estruturas que já existem com outros países, assim como acordos de investimentos diretos chineses na Europa e uma reforma do sistema financeiro chinês.

Um Acordo Compreensivo sobre Investimento é a prioridade imediata da UE para o objetivo de aprofundar e reequilibrar nosso relacionamento com a China. A conclusão de tal acordo, bem como o progresso nas reformas da China para liberalizar sua economia e, portanto, criar condições equitativas para as empresas, abriria novas oportunidades de mercado e permitiria a ambas as partes vislumbrar ambições mais amplas, como um Acordo de Livre Comércio. (COMISSÃO EUROPEIA, 2016, p. 6, tradução nossa)

Conclui-se que, apesar de possuírem interesses comuns frente à ordem internacional que está se construindo, as visões de mundo diferentes ainda propõem mais desafios do que oportunidades à União Europeia. Uma agenda política de longo-prazo deve ser cautelosa e bem calculada, vide as rápidas transformações que observou-se nas últimas décadas. A estratégia de aproximação e cooperação segue a lógica clara de valores que a UE possui em sua história diplomática, e garante uma margem de manobra no que tange aos assuntos de prioridade: econômicos e de setores estratégicos.

## Referências Bibliográficas

- AS IMPRESSIONANTES ilhas militares construídas pela China em tempo recorde.** Bcc News, [s.l.], 18 dez. 2017. Disponível em:  
<<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42346330>>. Acesso em: 25 nov. 2018.
- BOMJARDIM, 2012. Distribuição de renda na China e o futuro econômico do país.** CEIRI news paper, [s.l.], 4 jun. 2012. Disponível em:  
<<https://jornal.ceiri.com.br/distribuicao-de-renda-na-china-e-o-futuro-economico-do-pais/>>. Acesso em: 08 nov. 2018
- CALEIRO, João Pedro. 1% da população tem um terço da riqueza na China, diz estudo.** Exame, [s.l.], 15 jan. 2016. Disponível em:  
<<https://exame.abril.com.br/economia/1-da-populacao-tem-um-terco-da-riqueza-na-china-diz-estudo/>> . Acesso em: 08 nov. 2018.
- CANNON, John C. The Outlook for China.** World Affairs Council Albright College, Pennsylvania, 1998. Disponível em:  
<[https://www.cia.gov/news-information/speeches-testimony/1998/nic\\_speech\\_120198.html](https://www.cia.gov/news-information/speeches-testimony/1998/nic_speech_120198.html)>. Acesso em: 09 nov. 2018.
- CARRIÇO, Alexandre. A Diplomacia militar da China: Tipologia, Objetivos e Desafios. Idn Cadernos**, Lisboa, nº 15, p. 9-106, 2015. Disponível em:  
<[https://www.idn.gov.pt/publicacoes/cadernos/idncaderno\\_15.pdf](https://www.idn.gov.pt/publicacoes/cadernos/idncaderno_15.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2018.
- CHINA e UE reafirmam compromisso com acordo do clima de Paris.** Veja, [São Paulo], 16 jul. 2018. Disponível em:  
<<https://veja.abril.com.br/mundo/china-e-ue-reafirmam-compromisso-com-acordo-do-clima-d-e-paris/>>. Acesso em: 11 nov. 2018
- CHINA e ONU Meio Ambiente assinam acordo de cooperação pelo desenvolvimento sustentável.** Nações Unidas no Brasil, [s.l.], 09 jan. 2018. Disponível em:  
<<https://nacoesunidas.org/china-e-onu-meio-ambiente-assinam-acordo-de-cooperacao-pelo-de-senvolvimento-sustentavel/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.
- CHRISTIANSEN, Thomas et al. The rise of China — challenges and opportunities for the European Union.** *Asia Europe Journal*, v. 15, n. 2, p. 121-131, jun. 2017.
- DESIGUALDADES entre ricos e pobres continua alta na China.** Brasil econômico, [s.l.], 18 jan. 2013. Disponível em:  
<<https://economia.ig.com.br/2013-01-18/desigualdade-entre-ricos-e-pobres-continua-alta-na-china.html>> Acesso em: 24 nov. 2018.
- Como exportar a China.** [2013]. Disponível em:  
<<https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Pequim/pt-br/file/CEXChina-2017-%20vers%C3%A3o%20final.pdf>> Acesso em: 07 nov. 2018.

- EUROPEAN COMMISSION. **JOINT COMMUNICATION TO THE EUROPEAN PARLIAMENT AND THE COUNCIL Elements for a new EU strategy on China.** Bruxelas, 2016. Disponível em:  
<[http://eeas.europa.eu/archives/delegations/china/documents/more\\_info/eu\\_china\\_strategy\\_en.pdf](http://eeas.europa.eu/archives/delegations/china/documents/more_info/eu_china_strategy_en.pdf)> Acesso em: 11/11/2018
- EUROPEAN COUNCIL. **The European Council - Consilium.** Disponível em:  
<<https://www.consilium.europa.eu/en/european-council/>> Acesso em: 11/11/2018.
- EUROPEAN COUNCIL. **The role of the European Council in nominations and appointments - Consilium.** Disponível em:  
<[https://eeas.europa.eu/headquarters/headquarters-homepage/2725/what-we-do\\_en](https://eeas.europa.eu/headquarters/headquarters-homepage/2725/what-we-do_en)> Acesso em: 11/11/2018.
- FERNANDES, Marcelo Pereira; LEITE, Alexandre César Cunha. **Crescimento Econômico e Estabilidade política na China: Correlação e Complementaridade.** Anais do 11º Congresso da Associação Brasileira de Ciência Política, 2012. p. 11 Disponível em:  
<<https://cienciapolitica.org.br/system/files/documentos/eventos/2017/02/crescimento-economico-e-estabilidade-politica-china.pdf>>. Acesso: 07 nov. 2018
- FERREIRA, Leila da Costa; BARBI, Fabiana. Questões ambientais e prioridades políticas na China. **Com ciência**, [s.l.], 2012. Disponível em:  
<<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=76&id=954>>. Acesso em: 11 nov. 2018.
- GONZALEZ, Amelia. **Da China chegam boas notícias para o setor ambiental.** G1, [Rio de Janeiro], 30 mar. 2018. Disponível em:  
<<http://g1.globo.com/natureza/blog/nova-etica-social/post/da-china-chegam-boas-noticias-para-o-setor-ambiental.html>>. Acesso em: 11 nov. 2018
- GUERRA, contra a poluição começa a dar frutos na China. Galileu, [Rio de Janeiro], 12 mar. 2018. Disponível em:  
<<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2018/03/guerra-contra-poluicao-comeca-dar-frutos-na-china.html>>. Acesso em: 11 nov. 2018.
- JACQUES, Martin. **Understanding the rise of China.** TEDSalon, London, 2010. Disponível em:  
<[https://www.ted.com/talks/martin\\_jacques\\_understanding\\_the\\_rise\\_of\\_china/transcript?language=en](https://www.ted.com/talks/martin_jacques_understanding_the_rise_of_china/transcript?language=en)>. Acesso em: 07 nov. 2018.
- JACQUES, Martin. **When China Rules the World: The Rise of the Middle Kingdom and the End of the Western World.** Londres: Penguin books, 2012. Disponível em:  
<[http://inctpped.ie.ufrj.br/spiderweb/pdf\\_3/4\\_when\\_china\\_martin\\_jacques.pdf](http://inctpped.ie.ufrj.br/spiderweb/pdf_3/4_when_china_martin_jacques.pdf)> Acesso em: 08 nov. 2018.
- MAGALHÃES, Diego Trindade d'Ávila. The globaliser dragon: how is China changing economic globalisation?. **Third World Quarterly**, Oxfordshire, fev. 2018.

MARCUS, Jhonatan. **Como a China se tornou uma potência militar global**, BCC NEWS, [s.l.], 18 fev. 2018. Disponível em:  
<<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43101604>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

MOREIRA, Helena Margarido e RIBEIRO, Wagner Costa. A China na ordem ambiental internacional das mudanças climáticas. **Estudos Avançados**, [São Paulo], [v.30], [n. 87], p. 213-233, 2016. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v30n87/0103-4014-ea-30-87-00213.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

NUGENT, Neill. **The Government and Politics of the European Union**. 4 ed. Londres: The Macmillan Press, 1999.

**PARA minimizar efeitos da poluição, China cria chaminé gigante de ar puro**. Uol, [s.l.], 18 mar. 2018. Disponível em:  
<<https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2018/04/18/para-minimizar-efeitos-de-poluicao-china-cria-chamine-gigante-de-ar-puro.htm>>. Acesso em: 08 nov. 2018

**RETIRADA dos EUA do Acordo de Paris é um presente para a China**. Istoé, [s.l.], 02 jun. 2017. Disponível em:  
<<https://istoe.com.br/retirada-dos-eua-do-acordo-de-paris-e-um-presente-para-a-china/>>. Acesso em: 11 nov. 2018

RÍTSAR, Pavel. Brics reiteram compromisso com Acordo de Paris. **Russia Beyond**, [s.l.], 23 jun. 2018. Disponível em:  
<[https://br.rbth.com/brics/2017/06/23/brics-reiteram-compromisso-com-acordo-de-paris-sobre-o-clima\\_788682](https://br.rbth.com/brics/2017/06/23/brics-reiteram-compromisso-com-acordo-de-paris-sobre-o-clima_788682)>. Acesso em: 11 nov. 2018.

SALATIEL, José Renato. **Meio Ambiente: Enfraquecido, Protocolo de Kyoto é estendido até 2020**. Uol, [s.l.], 12 dez. 2018. Disponível em:  
<<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/meio-ambiente-enfraquecido-protocolo-de-kyoto-e-estendido-ate-2020.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

SANDERS, Lewis. **Ascensão da China deixa Europa em encruzilhada geopolítica**. Dw, [Berlim], 16 fev. 2018. Disponível em:  
<<https://www.dw.com/pt-br/ascens%C3%A3o-da-china-deixa-europa-em-encruzilhada-geopol%C3%ADtica/a-42611108>> Acesso em: 08 set. 2018.

WORLD BANK. **European Union - Data**. Disponível em:  
<<https://data.worldbank.org/region/european-union>> Acesso em: 11/11/2018.

## **POSICIONAMENTO DOS PAÍSES**

### **Alemanha**

Já considera a melhor parceira da China na União Europeia, há mais de uma década que a Alemanha cultiva uma excelente relação bilateral com a China, e a cada ano os líderes desses países se reencontram e reafirmam e afirmam novos acordos de cooperação, principalmente de aspecto econômico. Ambos os países exibem à mídia as ótimas relações diplomáticas, existindo eventos culturais e econômicos entre empresas e comunidades alemãs e chinesas.

### **Áustria**

A relação político, diplomática e econômica da China com a Áustria é bem amigável e ativa, tendo já cooperações em diversas áreas e com perspectivas de impulsionar cada vez mais acordos bilaterais, principalmente na área econômica.

### **Bélgica**

A Bélgica é uma das maiores parceiras comerciais da China na União Europeia, (UE) parceria essa que se estende há mais de 40 anos. A cada anos líderes se reúnem e fortalece ainda mais cooperações em diversas áreas, principalmente em aspectos econômicas e políticas.

### **Croácia**

Croácia e China estabeleceram relações diplomáticas em maio de 1992. A República Popular da China é, juntamente com o Japão, o mais importante parceiro comercial croata do Leste Asiático. O volume de comércio entre os dois países em 2013 foi de US \$ 1,495 bilhão, com as exportações croatas levando US \$ 105 milhões e as chinesas US \$ 1,390 bilhão (CHINESE EMBASSY, 2018). A cooperação educacional e cultural entre os dois países está sendo mantida sob o Acordo de Cooperação Cultural, concluído em março de 1993. A Universidade de Zagreb oferece especialização em Sinologia desde outubro de 2004, enquanto a Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim oferece cursos de língua croata (CHINESE EMBASSY, 2018).

### **Dinamarca**

China e Dinamarca completaram no ano de 2010, 60 anos de relações diplomáticas estabelecidas entre os países. Nos últimos anos, a cooperação China-Dinamarca em todas as áreas tem feito progressos satisfatórios. As relações bilaterais entre os dois Estados têm sido constantemente ampliadas e aprofundadas. Durante muitos anos, a China continuou sendo o maior parceiro comercial da Dinamarca na Ásia, com um volume de comércio bilateral de mais de 3.530 vezes desde 1950 (BIWEI, 2017). O investimento total dinamarquês na China supera US \$ 4,5 bilhões, tornando a Dinamarca o país europeu com o maior investimento na China per capita (BIWEI, 2017).

### **Espanha**

No 45º aniversário do estabelecimento de relações diplomáticas entre a Espanha e a China, em maio de 2018, o ministro das Relações Exteriores da China reuniu-se com autoridades espanholas para discutir as relações bilaterais dos países. Isso ocorre na medida em que os laços econômicos entre a China e a Espanha se aprofundam, aumentando o comércio, o investimento e o turismo (PIRNER, 2018). Nos últimos anos, a Espanha aprofundou seus laços econômicos com a China, com o comércio, o investimento e o turismo expandindo-se consideravelmente desde o início da crise financeira.

### **Estônia**

A República da Estônia e a República Popular da China estabeleceram relações diplomáticas em 11 de Setembro de 1991. Para além de promover as relações econômicas e a cooperação a nível internacional, a Estônia também está interessada em promover a cooperação cultural e educacional com a China. A Estônia sempre apoiou uma "Política da China Única" (considerando Taiwan uma parte inseparável do território da China). Autoridades e diplomatas chineses expressaram repetidas vezes o respeito pelas escolhas políticas da Estônia e consideraram positiva a adesão da Estônia à EU (VM, 2018).

### **França**

O reconhecimento da República Popular da China pela França, em 27 de janeiro de 1964, marcou o início das relações oficiais. A relação franco-chinesa foi elevada ao nível de “parceria estratégica global” em 2004. De acordo com a diplomacia francesa, o diálogo estratégico (última sessão em 19 de dezembro de 2017), iniciado em 2001, aborda todas as áreas de cooperação e visa reforçar o diálogo sobre questões mundiais, como a luta contra as alterações climáticas e o terrorismo, bem como a abordagem das crises

regionais. O diálogo econômico e financeiro de alto nível (última sessão de 1 de dezembro de 2017), que teve início em 2013, abrange todas as questões econômicas. O diálogo de alto nível sobre intercâmbios humanos (última sessão de 26 de novembro de 2017), que teve início em 2014, envolve intercâmbios acadêmicos, científicos e culturais, além de promover os direitos das mulheres e a igualdade de gênero.

O Presidente Hollande fez a sua primeira visita de Estado à China de 8 a 10 de janeiro de 2018. Esta visita foi uma oportunidade para apresentar os principais temas da parceria franco-chinesa para os próximos anos (DIPLOMATIE, 2018).

### **Grécia**

Durante o auge da mais recente crise econômica da Grécia foi notável a sólida relação que a China começou a estabelecer com esse país, relações essas que não só orbita em aspectos econômicos, mas políticos também. A Grécia – que precisava e precisa de ajuda – é confortável com essa aproximação, firmando parcerias e acordos entre os países. Para a China, a Grécia é vista de um ponto geo-político como “essencial”. Entre as negociações que se destacam entre esses dois governos é importante enfatizar a criação do porto de Piraeus na Grécia, que será a porta de entrada de produtos chineses para a Europa. Nessa operação ambos os países sairão muito beneficiados. No ano de 2018 essas cooperações foram confirmadas e estabelecidas aumentando ainda mais a ligação entre os países.

### **Itália**

Nos últimos anos, de forma gradativa, a China e a Itália estão se aproximando cada vez mais, fazendo acordos bilaterais em diversos setores, principalmente comércio e cultura. Os países já fazem plano de cooperação a longo prazo que desde já envolve operações financeiras bilionárias.

### **Países Baixos**

Em maio de 2017, foi celebrado o aniversário de 45 anos de relações diplomáticas, a nível de embaixadas, entre a China e os Países Baixos. Os últimos 45 anos testemunharam as relações políticas cada vez mais maduras entre os dois países. Durante esse período, as relações sino-holandesas continuaram avançando, apesar da situação internacional volátil e das reviravoltas dos laços bilaterais. Especialmente desde 2014, com as históricas visitas de Estado mútuas do Presidente XI Jinping e do Rei Willem-

Alexander, ambas as partes reforçaram a relação China-Holanda com uma nova posição de “Parceria Aberta e Pragmática para uma Cooperação Integral” (KEN,2017), que estabeleceu uma base sólida para seu desenvolvimento futuro, e promoveu o relacionamento bilateral em seu melhor período de desenvolvimento na história.

### **Polônia**

Em 2016, China e Polônia assinaram uma declaração de parceria estratégica onde ambos os Estados, reforçam a visão que têm um do outro como parceiros duradouros e estáveis. Ambos os países veem o desenvolvimento como uma oportunidade importante para a cooperação mutuamente benéfica, declara a declaração, ao mesmo tempo em que salienta que ambos os países construíram confiança política mútua que permite uma troca de ideias regular e aberta em um alto nível político. Ambos os países também prometeram fortalecer a cooperação política, econômica, social e cultural, bem como a coordenação e colaboração em assuntos internacionais e regionais. A Polônia e a China declararam sua disposição de elevar o nível das relações bilaterais de maneira abrangente para o benefício de ambas as nações. A declaração conjunta também se refere, entre outros, ao aprofundamento da cooperação nas áreas de economia e comércio, finanças, transporte e logística, infraestrutura, aviação civil, energia, agricultura e comércio tecnologia e proteção ambiental. "Ambas as partes unirão esforços para promover o investimento e equilibrar o comércio bilateral, especialmente oferecendo melhor acesso ao mercado", afirma o documento (POLSKA PL, 2016)

### **Portugal**

Em 9 de dezembro de 2005, a República Popular da China e Portugal estabeleceram uma Parceria Estratégica Global, que visava reforçar a cooperação que já existia entre os dois Estados em vários domínios, com especial enfoque para o diálogo político, a economia, língua, cultura e educação, ciência e tecnologia, justiça e saúde (FERREIRA, 2017). As parcerias estratégicas integram-se na estratégia internacional de Pequim.

Já em 2018, espera-se que em dezembro, na visita oficial do Presidente da China, Xi Jinping, ambos os Estados oficializem a criação de um laboratório conjunto de investigação e desenvolvimento tecnológico para o espaço e para os oceanos. Neste laboratório pretende-se desenvolver tecnologias e sistemas de engenharia para melhorar o conhecimento, a gestão e a exploração sustentável dos oceanos e do espaço, esperando-

se que promova ainda a abertura de centros de investigação em Portugal e na China (FIRMINO, 2018).

### **Suécia**

As relações entre a China e o Reino Suécia são relações bilaterais. A Suécia foi o primeiro país ocidental a estabelecer relações diplomáticas oficiais com a República Popular da China, em 9 de maio de 1950. Em 2006, o valor comercial entre os dois países somou 6,73 bilhões de dólares americanos. A Suécia tornou-se o nono maior parceiro comercial da China na União Europeia e a China tem sido o maior parceiro comercial da Suécia na Ásia por quatro anos consecutivos (CHINA DAILY, 2018).

Atualmente, China e Suécia estão passando por tensões diplomáticas. De acordo com a BBC, tudo começou no início de setembro, quando turistas chineses foram retirados de um hotel pela polícia sueca, medida que foi fortemente condenada pelo governo chinês. A situação piorou quando um programa satírico de televisão sueca brincou sobre os chineses comendo cachorros e defecando em público. Pequim acusou o programa de usar "linguagem vulgar", acrescentando que era "cheio de discriminação, preconceito e provocação" contra a China (BBC, 2018).

### **Reino Unido**

Reino Unido e China possui robustos acordos, principalmente nas áreas comerciais. Com o processo do BREXIT a China reafirmou veementemente os acordos bilaterais e ainda negociam para fazer ainda mais acordos entre os países. Prevê-se, inclusive, que a saída fará com ainda mais acordos sejam feitas entre o governo chinês e inglês.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**#POLAND. The presidents of poland and china, andrzej duda and xi jinping, in warsaw on monday signed a declaration on strategic partnership in which they reiterated that poland and china viewed each other as long-term and stable strategic partners..** Disponível em: <<https://polska.pl/economy/investments-projects/poland-and-china-sign-strategic-partnership-declaration/>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

**ALEMANHA É O PRINCIPAL PARCEIRO DA CHINA NA UE. Dw.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/alemanha-%c3%a9-o-principal-parceiro-da-china-na-ue/a-1207522>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

**BCC NEWS. Why sweden and china have fallen out so badly.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-asia-china-45635646>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

**CPH. New voyage of the friendship between china and denmark.** Disponível em: <<http://cphpost.dk/news/business/chinese.html>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

**DIPLOMAT MAGAZINE. A Brighter Future for the China-Netherlands Friendship.** Disponível em: <<http://www.diplomatmagazine.nl/2017/06/03/a-brighter-future-for-the-china-netherlands-friendship/>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

**EM. China estende acordo de swap cambial com reino unido por três anos.** Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2018/11/12/internas\\_economia,1004998/china-estende-acordo-de-swap-cambial-com-reino-unido-por-tres-anos.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2018/11/12/internas_economia,1004998/china-estende-acordo-de-swap-cambial-com-reino-unido-por-tres-anos.shtml)>. Acesso em: 13 nov. 2018.

**ESTADÃO. China é um importante parceiro comercial da alemanha, diz merkel.** Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,china-e-um-importante-parceiro-comercial-da-alemanha-diz-merkel,110084e>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

**EXAME. Reino unido e china querem reforçar laços após o brexit.** Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/economia/reino-unido-e-china-querem-reforcar-lacos-apos-o-brexit/>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

**EXTRA. Premiê da china diz que laços com reino unido não mudarão durante brexit.** Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/economia/premie-da-china-diz-que-lacos-com-reino-unido-nao-mudarao-durante-brexit-22348901.html>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

**FRANCE DIPLOMATIE. France and china.** Disponível em: <<https://www.diplomatie.gouv.fr/en/country-files/china/france-and-china/>>. Acesso em: 13 nov. 2018.G1.

**Presidente chinês conclui na Bélgica primeiro giro pela Europa.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/presidente-chines-conclui-na-belgica-primeiro-giro-pela-europa.html>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

**GALINHA, Pedro Miguel Assunção Ferreira. China e Portugal: dez anos de parceria estratégica global. Run Repositório Universidade NOVA, [S.L], out./nov. 2018.**

Disponível em: <<https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/os-principais-investimentos-da-china-em-portugal-352999>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

GOVERNMENT OF NETHERLANDS. **China and the netherlands strengthen bilateral relations.** Disponível em: <<https://www.government.nl/latest/news/2014/03/24/china-and-the-netherlands-strengthen-bilateral-relations>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

ISTOÉ. **China e alemanha anunciam ‘nova fase’ na relação bilateral.** Disponível em: <<https://istoe.com.br/china-e-alemanha-anunciam-nova-fase-na-relacao-bilateral/>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

JE O JORNAL EXONOMICO. **Os principais investimentos da China em Portugal.** Disponível em: <<https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/os-principais-investimentos-da-china-em-portugal-352999>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF DENMARK. **The foreign ministers's speech at reception on the occasion of the 60 year anniversary of the establishment of diplomatic relations between denmark and china.** Disponível em: <<http://um.dk/en/about-us/the-ministers/speeches-and-articles-by-former-ministers/speeches-and-articles-by-former-foreign-ministers/diplomatic-relations-between-denmark-and-china/>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF DENMARK. **The foreign ministers's speech at reception on the occasion of the 60 year anniversary of the establishment of diplomatic relations between denmark and china.** Disponível em: <<http://um.dk/en/about-us/the-ministers/speeches-and-articles-by-former-ministers/speeches-and-articles-by-former-foreign-ministers/diplomatic-relations-between-denmark-and-china/>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

OGLOBO. **Reino unido e china negociam para expandir laços comerciais.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/reino-unido-china-negociam-para-expandir-lacos-comerciais-22362111>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

P. **Portugal e china vão construir pequenos satélites em conjunto.** Disponível em: <<https://www.publico.pt/2018/11/06/ciencia/noticia/portugal-china-va-criar-laboratorio-espaco-oceanos-1850049>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

PLATAFORMA MACAU. **Alemanha otimista em relação à cooperação económica com a china.** Disponível em: <<http://www.plataformamacau.com/china/alemanha-otimista-em-relacao-a-cooperacao-economica-com-a-china/>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

PORTUGUESE. **Chanceler chinês aborda perspectiva das relações entre china e grécia.** Disponível em: <<http://portuguese.cri.cn/news/china/407/20180828/175876.html>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

PORTUGUESE. **China e bélgica concordam em liberar vantagens complementares e aproveitar mais potencial de cooperação.** Disponível em:

<<http://portuguese.people.com.cn/n3/2018/1019/c309809-9509850.html>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

PORTUGUESE. **China e Bélgica fortalecerão cooperação.** Disponível em: <[http://portuguese.xinhuanet.com/2018-10/18/c\\_137541719.htm](http://portuguese.xinhuanet.com/2018-10/18/c_137541719.htm)>. Acesso em: 13 nov. 2018.

PORTUGUESE. **China e Grécia assinam moU para promover iniciativa do cinturão e rota.** Disponível em: <<http://portuguese.people.com.cn/n3/2018/0829/c309806-9495227.html>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

PORTUGUESE. **China e Grécia elevarão cooperação.** Disponível em: <[http://portuguese.xinhuanet.com/2018-06/20/c\\_137267453.htm](http://portuguese.xinhuanet.com/2018-06/20/c_137267453.htm)>. Acesso em: 13 nov. 2018.

PORTUGUESE. **China e Itália prometeram fortalecimento de laços.** Disponível em: <[http://portuguese.xinhuanet.com/2017-02/23/c\\_136079397.htm](http://portuguese.xinhuanet.com/2017-02/23/c_136079397.htm)>. Acesso em: 13 nov. 2018.

PORTUGUESE. **Enfoque da China: China e Áustria concordam em estabelecer parceria estratégica de amizade.** Disponível em: <[http://portuguese.xinhuanet.com/2018-04/09/c\\_137097415.htm](http://portuguese.xinhuanet.com/2018-04/09/c_137097415.htm)>. Acesso em: 13 nov. 2018.

PORTUGUESE. **Realizado seminário sobre relações China-Bélgica em Bruxelas.** Disponível em: <[http://portuguese.xinhuanet.com/2016-10/04/c\\_135731621.htm](http://portuguese.xinhuanet.com/2016-10/04/c_135731621.htm)>. Acesso em: 13 nov. 2018.

PORTUGUESE. **Áustria estabelece consulado geral em Chengdu, na China.** Disponível em: <<http://portuguese.people.com.cn/n3/2018/0412/c309806-9448524.html>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

SPUTNIK. **Com raiva da UE, Grécia é receptiva ao dinheiro chinês.** Disponível em: <<https://br.sputniknews.com/mundo/201607055450698-china-grecia-cooperacao/>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

SPUTNIK. **Será que a China é um trunfo da Grécia no jogo com a UE?** Disponível em: <<https://br.sputniknews.com/mundo/201607055450698-china-grecia-cooperacao/>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

SPUTNIK. **Será que a China é um trunfo da Grécia no jogo com a UE?** Disponível em: <<https://br.sputniknews.com/mundo/201607055450698-china-grecia-cooperacao/>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

THE DIPLOMAT. **China in eastern Europe: Poland's perspective.** Disponível em: <<https://thediplomat.com/2017/12/china-in-eastern-europe-polands-perspective/>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

THE NEW YORK TIMES. **Accusations of a ‘nightmare’ vacation test china’s relations with sweden.** Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/09/17/world/asia/chinese-tourists-sweden-vacation.html>>. Acesso em: 13 nov. 2018.